

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Yelwana

Data: 31.12.74

Pg.: YER00001

Índio usa a paz para atrair tribo primitiva

APLICANDO a experiência obtida com os brancos, onde a violência é muitas vezes usada sem vacilação, os índios maiongong estão tentando "civilizar" e dominar pacificamente seus vizinhos sanumá. A afirmativa é da antropóloga Alcida Rita Ramos, em relatório encaminhado ao Ministério do Interior. "Assim como o homem branco tem procurado moldar o índio a sua imagem — diz a cientista — também os maiongong esperam ser os agentes de profunda modificação no estilo de vida sanumá. Consideram, por exemplo, uma indicação de que estes últimos estão se civilizando o fato de que já podem falar a língua maiongong."

Desde o século XVIII que os maiongong mantêm contato com os brancos. Por isso, aprenderam há mais tempo a usar armas de fogo e certos artifícios "civilizados". Assim, por exemplo, quando os sanumá — bem mais primitivos — começaram a surgir na região em que vivem, na fronteira de Roraima com a Venezuela, sua reação foi tipicamente civilizada, segundo a antropóloga. Em vez de rechagá-los com o emprego de força — o que poderiam ter feito facilmente — procuraram conquistar pacificamente os recém-chegados. Mesmo quando estes invadiram suas aldeias, para roubar suas mulheres, sua primeira atitude foi diversa da que seria de esperar de um índio: dispararam para o ar suas armas de fogo, em resposta à sarajada de flechas dirigida contra suas chogas.

Somente quando os sanumá, receios da surpresa ante os disparos, que desconheciam, se tornaram mais agressivos, é

que os maiongong os atacaram diretamente. Mas, ainda assim, não os enfrentaram num combate corpo-a-corpo. Abriram orifícios nas paredes de suas casas e, através deles, alvejaram a tiros os invasores.

"CIVILIZANDO"

Segundo a antropóloga, os dois grupos tribais vivem ao norte de Roraima, às margens do rio Auaris. Enquanto existem 500 sanumá distribuídos em várias aldeias, há somente 100 maiongong. Estes, no entanto, "adquirem objetos manufaturados em primeira-mão", trocando-os, depois, por produtos diversos, com seus vizinhos.

Até há bem pouco tempo, os sanumá não possuíam armas de fogo, nem sabiam como usá-las. Agora, porém — diz Alcida Rita Ramos — eles as conseguiram com a missão evangélica instalada em Auaris.

Perguntando a um maiongong por que sua tribo não deixava a região, devido à hostilidade dos sanumá, ele respondeu que era porque "precisava civilizá-los", mostrando-lhes "como não roubar as roças, como cultivá-las, como fazer canoas lipilis e pe neiras", a exemplo do que havia sido feito por seus antepassados, que ensinaram ao seu grupo a cultivar e a preparar a mandioca e a caçar e domesticar certos animais selvagens.

O EXEMPLO

Na missão que atribuíram a si mesmos, os maiongong não esquecem as violências que sofreram nos contatos com os brancos, que pretendiam recrutar, entre eles, mão-de-obra grátis para a extração de borracha. Para a antropóloga Alcida

Rita Ramos, os índios levaram inicialmente uma "franca desvantagem", porque não possuíam armas de fogo.

"Mais tarde — prossegue a cientista — embora também houvessem adquirido espingardas, os maiongong não ousavam utilizá-las contra os brancos, que já haviam estabelecido sobre eles uma supremacia militar". Alcida ouviu de um índio: "Civilizado andou por aqui faz muito tempo, no tempo do meu avô, procurando gente para trabalhar na borracha; quando o índio não queria ir, era morto".

Segundo o relatório enviado pela antropóloga ao Ministério do Interior, verifica-se agora o mesmo processo, nas relações "civilizadoras" estabelecidas entre os maiongong e os sanumá. Estes foram olhados inicialmente, pelos primitivos moradores da região, como possíveis fornecedores de mão-de-obra grátis. Por isso, não os enfrentaram quando por eles atacados. Preferiram tentar conquistá-los pacificamente. Depois, passaram a utilizar a arma de fogo, como argumento que comprovasse sua supremacia absoluta.